

O método do conhecimento em Aristóteles

Ler a obra de Aristóteles é entrar na própria história do conhecimento, uma vez que fazendo o percurso do desenvolvimento do pensamento de forma cronológica, encontramos em sua fase mais bruta (de sistematização quase nula quando comparada ao cenário atual) entende-se sem muito esforço que os grandes conjuntos do saber como a astronomia em Tales de Mileto, as matemáticas em Pitágoras e a ontologia em Parmênides, para ficar em três exemplos, não apenas precedem mas verdadeiramente proporcionam ao homem já uma especialização, partindo do conjunto para a unidade, ainda que cada unidade possa ser infinitamente esmiuçada e fragmentada outra vez, como a física, a física quântica e a metafísica. O que encontramos após os pré-socráticos são esses gêneros – para utilizar um termo aristotélico – frutificando em escolas de conhecimento.

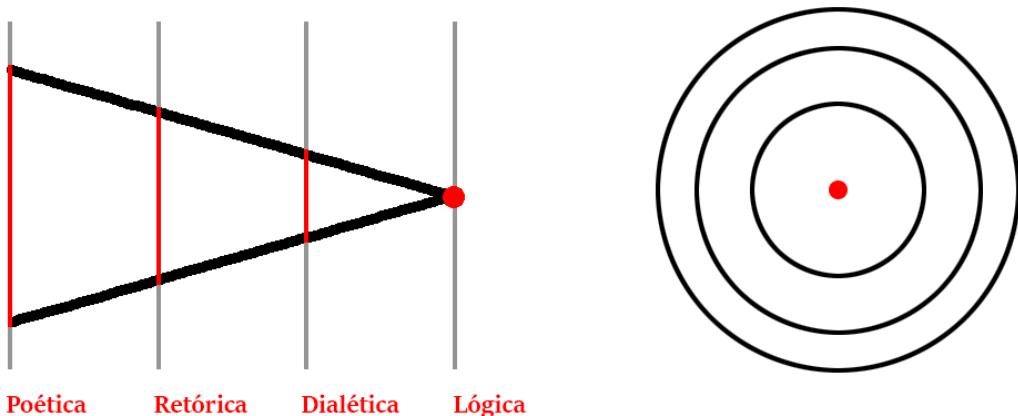
A obra de Platão não apenas observa, mas ensina a observar. Por isso não se fala apenas na “obra de Platão”, mas no platonismo, em escala [quantitativa] muito maior do que se fala em *parmenideanismo* ou *aristotelismo*, ainda que ambos tenham legado ao homem métodos. Platão ensina a observar o mundo com olhos físicos e olhos imateriais, ensina a pensar não apenas olhando, mas imaginando. Uma imaginação ordenada, é verdade, mas uma imaginação que alcança a objetividade física trazendo da fantasia não mais apenas os sonhos etéreos, mas a própria realidade física. Em Platão, aprendemos que pensar gera consequências materiais, ou ainda “há realidade invisível e realidade visível, e ambas existem em inter-relação”.

Platão, que morreu em 427a.C foi um dos artífices de Aristóteles, o mestre que nasceu em 384a.C e morreu aos 62 anos. Essa sequência de mentes brilhantes, quando vista sob a ótica da espécie (outro termo que na filosofia foi estabelecido pelo estagirita), nos mostra que após a formação dos primeiros conjuntos do pensamento humano nos chamados “pré-socráticos”, o homem pode relacionar o invisível com o visível em Platão e, em Aristóteles organizar o sistema científico. Afirmar que “Aristóteles é o pai do sistema científico” tem carga de informação tão densa que é obrigatório fazer uma verdadeira dissecação de seu significado.

Ciente da capacidade de inteligir, forçado por sua natureza curiosa o homem não poderia mais viver apenas dialogando em Sócrates, fez-se necessário sistematizar o pensamento e gerar um método para conhecer tudo e qualquer coisa¹. Daí nasce em Aristóteles um sistema científico no sentido de organização (sistema) de um método para conhecer (ciência), e esse método se baseia na expansão da mente (poética), análise das possibilidades (retórica), cálculo das probabilidades (dialética) e constatação da verdade encontrada (lógica). O sistema desenvolvido por Aristóteles, não podemos deixar de dizer, foi criado não como um sistema imaginado pelo filósofo e escrito como método, mas desenvolvido como um produto mesmo de trabalho intelectual seguindo a única forma com a qual o filósofo sabia trabalhar, o aristotelismo. Isso que podemos chamar de “o estilo aristotélico de pensar” é seu próprio método, expandir ao máximo para em seguida iniciar um processo de refinamento objetivando o encontro da verdade (Figura 1).

¹ Por coisa, entenda *tudo o que existe ou possa existir, de natureza corpórea ou incorpórea*, não apenas o significado coloquial do vocábulo em nossa língua que remete aos objetos inanimados.

FIGURA 1 – O conhecer aristotélico



A Poética expandindo a abstração; Retórica identificando as possibilidades; Dialética, as probabilidades; e a Lógica expondo as possibilidades ao exame para encontrar a realidade. Esse processo de Conhecer se tornaria de imediato no processo científico pleno, por ser a própria identificação não de um método novo, mas a sistematização do funcionamento cerebral humano.

Os campos do conhecimento em Aristóteles²

Ler a Poética de Aristóteles é lidar com uma escola de pensamento literário e escrita, ou seja, ali não se aprende a escrever apenas – e é uma pena que o utilitarismo tenha reduzido a Poética em uma ferramenta de escrita –, mas aprende-se mesmo a imaginar. Em toda a filosofia aristotélica encontramos o *eidos* (*eîdos*) como imagem e substância, como sua aparência e essência, em uma compreensão gramatical que nos entrega um mundo inteligível, onde tudo pode ser visto e compreendido. Assim, encontramos em sua Poética, um filósofo que comprehende o *existir* e pensa sua *imitação*, dando corpo ao trabalho mimético da arte, e trabalhando sobre a *mimesis*, entende suas faces e abre um mundo de expressões artísticas ao explorar separadamente essas expressões (a Literatura sendo a imitação puramente imaginativa, a Arquitetura, Lógica, a Música, matemática), porém tudo isso não como produto mas como consequência não mais aristotélica, mas humana.

Na Retórica, o filósofo ensina a expressar o imaginado. Em seu tempo, retórica tinha peso negativo, pejorativo (assim como a mimesis era negativa e pejorativa em Platão) pois a arte utilitária dos sofistas, que buscavam expressar para convencer em uma era de valorização da concordância com as *pôlis* sendo uma das glórias do Império Grego. Era necessário não apenas saber imaginar como Homero, mas convencer como Protágoras. A retórica cairá em desuso com o fim da República (I a.C) pois não haverá mais necessidade de convencer o público quando o Estado se torna tirânico. A Retórica de Aristóteles retornará ao meio intelectual apenas na idade média, com a redescoberta da necessidade de sistematização do pensamento científico, o que se dá a partir do séc. XVI.

O conhecimento da dialética, ainda que também tenha sido alvo dos utilitaristas, proporcionou o que viria a se tornar a própria base da ciência, uma vez que se dá como a disposição das

² O filósofo brasileiro Olavo de Carvalho comprehendeu plenamente o método aristotélico de conhecer, e dispôs em uma publicação o que podemos ver como o sumo do pensamento do professor quanto à sua visão, ainda que também seja patente ao leitor que o pouco que encontramos em “Aristóteles em nova perspectiva” é apenas um gérmen do que habita a mente de seu autor.

ideias (todas elas) às possibilidades. Forçar os produtos ao exercício dialético é dispô-los ao embate – não lógico ainda, mas possível. Por aqui ou por ali, para isso ou para aquilo, assim ou daquele outro modo... esse exercício de estressar o pensamento se tornará a base da ciência, estabelecendo entre os homens um cessar dogmático e um permitir propositivo.

Quando se busca não a arte, ou a imitação para a apreciação pura, parte-se ao exercício lógico, última etapa de um processo duro que deve ser utilizado com objetivo de estabelecer a verdade. Por isso mesmo a lógica é desnecessária – e até prejudicial, como esclarecido na Poética³ – quando o objetivo é artístico-imaginativo.

Fernando Melo

Brasília, 4 de dezembro de 2021

³ 1460a [25].